

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro

Casa da Música

27 Mar 2015
21:30 Sala Suggia

-
MORTE E
RESSURREIÇÃO
ANO ALEMANHA

Olari Elts *direção musical*

Karen Wierzba *soprano*

Annelly Peebo *meio-soprano*

Mati Turi *tenor*

Michael Nagy *barítono*

Ludwig van Beethoven

Missa Solemnis (1818-23; c. 1h20min.)

1. *Kyrie*
2. *Gloria*
3. *Credo*
4. *Sanctus*
5. *Agnus Dei*

Texto original e tradução nas páginas 7 a 9.



Na impossibilidade de contar com a presença dos solistas Elizabeth Watts (soprano) e Zoltán Nagy (barítono), por motivos de força maior, a Casa da Música agradece a Karen Wierzba e Michael Nagy a disponibilidade para interpretarem a *Missa Solemnis* de Beethoven, à última hora, com a Orquestra Sinfónica e o Coro Casa da Música.

Ludwig van Beethoven

BONA, 16 DE DEZEMBRO DE 1770

VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

Missa Solemnis

Devemos ao pintor Joseph Karl Stieler aquela que é certamente a imagem mais popular de Ludwig van Beethoven, que acedeu a posar para Stieler pelo menos quatro vezes em 1820. As mãos foram pintadas de memória; nelas, a partitura de uma composição em que Beethoven estava então particularmente imerso e da qual Stieler se preocupou em obter os detalhes correctos para que figurassem no manuscrito ostentado no quadro: “Missa Solemnis in D#” (“D#” denota a prática alemã segundo a qual o símbolo de sustenido indicava tonalidade maior), que Beethoven referiria como a melhor entre as suas composições.

A ideia de compor uma nova obra religiosa desenhava-se na mente de Beethoven já em 1818. Quando soube que o arquiduque Rodolfo da Áustria – seu amigo, patrono, aluno de longa data e dedicatário de várias das suas obras anteriores – seria nomeado arcebispo de Olmütz, acabou por tomar o evento como pretexto oficial para a composição de uma missa solene, cuja estreia ficou inicialmente planeada para Março de 1820, altura da entronização. Beethoven mostrou-se entusiasmado: “o dia em que uma missa solene composta por mim for executada durante as cerimónias solenizadas para Sua Alteza Imperial será o dia mais glorioso da minha vida, e Deus iluminar-me-á de forma a que o meu modesto talento possa contribuir para a glorificação desse dia solene”. Contudo, trabalharia na obra por muito mais

tempo do que o previsto, completando-a apenas no final de 1822. A partitura seria sujeita a várias revisões até meados do ano seguinte e entretanto a obra tinha tomado proporções gigantescas. Além disso, implicava um conteúdo expressivo de tal forma dramático e colocava tais dificuldades de execução que se provaria desadequada não só ao contexto da cerimónia a que aparentemente seria destinada como a qualquer uso estritamente litúrgico.

Na verdade, constata-se facilmente que a Missa Solene é uma expressão eminentemente pessoal do compositor, da sua forma de ver a relação com Deus e com o mundo. Homem inequivocamente religioso, Beethoven manteve um pensamento bastante independente, ao que não será alheio o impacto dos ideais iluministas e racionalistas que rodearam a sua juventude. A liberdade era o denominador comum a múltiplos aspectos da vida deste homem de posturas inquietivas e críticas. A procura espiritual de Beethoven não passava pela identificação com organizações religiosas. Não ia regularmente à igreja, que frequentava mais a propósito de instrução musical do que dos rituais litúrgicos. Venerou desde cedo a natureza e sim, através dela venerou Deus. A mesma visão quase panteística, em conjugação com os ideais revolucionários de liberdade e fraternidade universal, estaria também na base da música que Beethoven escreveria sobre a *Ode à Alegria* de Schiller para o último andamento da sua Sinfonia nº 9, datada do mesmo período.

Beethoven não se poupou a um minucioso trabalho de preparação para a escrita da Missa Solene, desde logo a começar pelo estudo dos textos litúrgicos, tanto a nível de prosódia como de semântica. No plano musical propriamente dito, empreendeu um

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA

SONAE

PATROCINADOR OFICIAL ANO ALEMANHA

PATROCINADOR ANO ALEMANHA

Deutsche Bank



Continental

CO-FINANCIADO POR



O NOVO NORTE



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

RÉSEAU
VARESE



resee

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

estudo aprofundado do modalismo eclesiástico e da música religiosa do passado, apoiando-se até em leituras teóricas que incluíam tratados renascentistas. O fascínio pela escrita modal ficaria, de resto, expresso de forma muito significativa no “Heiliger Dankgesang” (Canto de Acção de Graças) do Quarteto op. 132, escrito no modo lídio e com carácter alusivo a música vocal sacra. Desde o canto gregoriano medieval até ao *Messias* de Händel, as referências são abrangentes e ajudam a compreender a amálgama estilística tão rica e peculiar que distingue esta criação de Beethoven.

O trabalho na obra propriamente dita teve início no Outono de 1818 e desenrolar-se-ia de acordo com a sequência das cinco partes que compõem o texto do ordinário da missa: *Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus* e *Agnus Dei*.

Anton Schindler, amigo e admirador devoto de Beethoven, escreveu uma grande quantidade de memórias sobre o compositor, entre as quais se lê um relato sobre a fase de composição da Missa: “Eram quatro da tarde. Na sala de estar, atrás de uma porta fechada, ouvimos o mestre a cantar partes da fuga do *Credo* – a cantar, a berrar, a bater com o pé. Depois de termos estado a escutar por longo tempo a cena quase horrível, e estando já para ir embora, a porta abriu-se e Beethoven apareceu diante de nós com a cara franzida, calculada para provocar medo. Parecia que tinha estado em combate mortal com todos os contrapontistas, os seus eternos inimigos” (note-se, contudo, que a fuga que Schindler refere faz parte do *Gloria* e não do *Credo*).

O tempo e energia investidos no planeamento, na investigação preliminar, na preparação, composição e revisões da partitura fazem desta obra o projecto de maior envergadura de Beethoven e tornam claro que esta

peça tinha para o seu autor um significado realmente especial. Sobre os compassos iniciais do *Kyrie* que abre a missa, Beethoven deixou a inscrição: “vindo do coração – que possa voltar ao coração”.

Imediatamente após o trabalho de composição da missa, Beethoven esforçou-se por promover a obra, tentando que as cortes europeias subscrivessem a edição da partitura. Embora os direitos de impressão tenham sido adquiridos pela Schott em 1824, a obra acabou por ser publicada só depois da morte do compositor, em Abril de 1827.

A primeira audição da Missa Solene ocorreu em São Petersburgo em Abril de 1824. Do lado de cá da Europa, a estreia foi primeiramente parcial, a 7 de Maio de 1824 em Viena. Nesse dia, Beethoven dirigiu o *Kyrie*, o *Credo* e o *Agnus Dei*, todos em versão alemã e anunciados como “Três Grandes Hinos”. O programa do concerto – o último dado por Beethoven – era extensíssimo: nele se ouviu ainda a abertura *A Consagração da Casa* e a Sinfonia nº 9 (é desta ocasião o célebre momento em que o compositor, já em profunda surdez, não se apercebia do aplauso efusivo que lhe era dedicado pelo público vienense). A missa, à semelhança das restantes obras do programa, estava repleta de passagens que testavam os limites de cantores e instrumentistas, envolvendo passagens longas sem respiração devidamente prevista para instrumentistas de sopro, notas sustentadas em *forte* no registo agudo para vozes, muitos contrastes abruptos a nível de dinâmica, tempo e métrica espalhados por toda a obra...

O *Kyrie* apresenta uma forma ternária simples (ABA'), mimetizando a natureza simétrica da configuração do texto. Os dois trechos “Kyrie eleison”, em Ré maior e compasso

binário, rodeiam o trecho central “Christe eleison”, feito em Si menor e compasso ternário. O segundo *Kyrie*, contudo, não é uma mera repetição do primeiro. Para ele Beethoven criou música nova baseada no material motivico anterior. De notar, imediatamente na primeira enunciação vocal, o arrojado contraste dinâmico entre as duas primeiras sílabas da palavra “Kyrie” (fortes) e a última, num jeito tipicamente beethoveniano. A visão religiosa pessoal de Beethoven tem também forma de se manifestar através de simbolismos musicais que faz corresponder a sentidos do texto. Beethoven colocava Cristo como ser humano, alguém que caminha ao nosso lado – e Cristo é invocado com vozes à distância de terceiras, simbolizando o caminho a par, diferentemente do Deus que é Espírito inatingível e misterioso.

O *Gloria* chega impetuoso e triunfante e segue o curso emocional do texto. Em trechos de louvor predominam as ricas texturas imitativas, ao passo que em momentos de súplica são favorecidos os solos. Face ao ímpeto da melodia ascendente inicial, o suplicante “miserere nobis” contrapõe-se contido em termos melódicos. Detalhes como o *pianissimo* de “adoramus te” e o *fortissimo* de “omnipotens” (onde entram finalmente os trombones) são notáveis. Na secção que começa com o “Qui tollis peccata mundi”, Beethoven permitiu-se acrescentar vocativos exclamatórios (“o”, “ah”) que reforçam a ideia de que esta obra viria, de facto, do coração. O “in gloria Dei Patris. Amen” que finaliza esta secção do texto é tratado com duas fugas jubilosas, dando lugar a um *presto* que acumula tensão até culminar num “Gloria” que termina subitamente *a cappella* (rasgo de imaginação impressionante que faz ecoar a palavra nas alturas!).

Ao *Credo* Beethoven fez uma abordagem peculiar. Começa bem assertivo, com um motivo de tal forma vincado (rítmica e melodicamente) que é praticamente um imperativo. É notório que Beethoven opta por dar relevos diferentes a diferentes partes do texto, certamente de acordo com a sua identificação pessoal com cada uma delas. Tendo em conta as já referidas reservas de Beethoven em relação à Igreja, não é de estranhar que tenha, por exemplo, optado por camuflar a parte do texto que remete para a crença na Igreja Católica (confiada aos tenores). Aí recorre a entradas efusivas do coro (que repete “credo”) para o efeito. Por outro lado, aquando da referência à remissão dos pecados, soprano e alto já fazem também a enunciação clara do conteúdo, resultando na sugestão de uma versão menos dogmática do texto: “acredito na remissão dos pecados”. Perto do fim, dedica especial atenção à linha “et vitam venturi saeculi” (“e a vida do mundo que está para vir”), evidenciando a sua fé no futuro, que toda a sua conduta e arte sempre puseram em evidência.

O *Sanctus* é particularmente contido e introspectivo. Só quando chega o texto “pleni sunt coeli et terra gloria tua” há contraste, irrompendo então uma fuga triunfante. O “Osanna in excelsis”, também fugado, traz uma ascensão melódica no final após a qual chega um dos momentos mais encantadores de toda a obra. No momento de transição para a secção do *Benedictus*, Beethoven reserva-nos a surpresa de um prelúdio orquestral de expressão profunda. Surge entretanto um violino solo em registo agudo juntamente com flautas, num momento luminoso e sereno; ambos abandonam pouco a pouco o registo em que começaram, misturando-se gradualmente com os solistas e proporcionando uma

imagem irresistível de aproximação entre os céus e a terra. O resto da orquestra intervém com timbres não menos especiais, dos quais vale a pena mencionar em particular a conjugação de tímpanos e trombones no registo grave, em *pianissimo*, que dá ao quadro um chão seguro e fértil. O coro retorna entretanto com um “benedictus qui veni in nomine Domini”, mantendo o ambiente de devoção até à chegada do “Osanna” seguinte, que volta a trazer expressão gloriosa, pouco duradoura até se dissipar entre os desenhos melódicos do violino solo.

Da luminosidade final deste *Sanctus*, somos transportados de volta a uma realidade mais terrena e à sombra do pecado com o início do *Agnus Dei*. Na partitura há uma inscrição: “oração para a paz interior e exterior”. Após um breve prelúdio, o baixo solista começa a sua súplica, juntando-se-lhe o coro, com expressão dolente. A soprano solista chega na estrofe seguinte e o trecho prossegue sem sobressaltos, dando lugar a um “Dona nobis pacem” coral em 6/8 que aparentemente coroaria esta missa com uma nota de esperança. Mas Beethoven guardou para este momento o inimaginável: a oração é invadida por fanfarras militares. O compositor faz a guerra entrar no cenário – num jeito quase operático, não muito distante do exuberante *Finale* da 9ª Sinfonia – e a introspecção dá lugar à expressão de terror e angústia da humanidade ameaçada, antes de uma furiosa fuga instrumental e do regresso de uma calma que já se afigura mero artifício depois do sucedido. Beethoven diz-nos neste *Agnus Dei* que a paz interior é uma ilusão enquanto não for real a paz entre os homens, entre os povos.

É neste espaço sagrado de auto-expressão resgatado pelo espírito visioná-

rio de Beethoven que a Missa comunga da mesma essência dos versos de Schiller na 9ª Sinfonia – “abraçem-se, milhões”! Enfim se fundem o pessoal e o universal, o humano e o divino, o passado e o futuro, numa síntese cabal da essência beethoveniana. Uma síntese que justifica na perfeição a presença da Missa Solene em qualquer retrato fidedigno de Ludwig van Beethoven.

PEDRO ALMEIDA, 2015

1. Kyrie

Kyrie eleison.
Christe eleison.
Kyrie eleison.

2. Gloria

Gloria in excelsis Deo
et in terra pax hominibus
bonae voluntatis.
Laudamus te, benedicimus te,
adoramus te, glorificamus te.

Gratias agimus tibi
propter magnam gloriam tuam
Domine Deus, Rex coelestis
Deus Pater Omnipotens,
Domine Fili unigenite Jesu Christe,
Domine Deus, Agnus Dei, Filius Patris.

Qui tollis peccata mundi
miserere nobis.
Qui tollis peccata mundi
suscipe deprecationem nostram.
Qui sedes ad dexteram Patris
miserere nobis.

Quoniam tu solus sanctus,
tu solus Dominus, tu solus altissimus,
Jesu Christe.
Cum Sancto Spiritu,
in gloria Dei Patris.
Amen.

Senhor, tem piedade.
Cristo, tem piedade.
Senhor, tem piedade.

Glória a Deus nas alturas
e paz na terra aos homens
de boa vontade.
Nós te louvamos, nós te bendizemos,
Nós te adoramos, nós te glorificamos.

Damos graças a ti
pela tua glória infinita.
Senhor Deus, Rei dos céus,
Deus Pai onipotente,
Senhor Jesus Cristo, filho único de Deus,
Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai.

Tu que tiras os pecados do mundo
tem piedade de nós.
Tu que tiras os pecados do mundo
aceita nossa súplica.
Tu que estás sentado à direita do Pai
tem piedade de nós.

Porque só tu és santo,
só tu és o Senhor, só tu o altíssimo,
Jesus Cristo.
Com o Espírito Santo
na glória de Deus Pai.
Ámen.

3. Credo

*Credo in unum Deum,
Patrem omnipotentem,
factorem coeli et terrae,
visibilium omnium et invisibilium.
Credo in unum Dominum Jesum Christum,
Filium Dei unigenitum
et ex Patre natum
ante omnia saecula.
Deum de Deo, lumen de lumine,
Deum verum de Deo vero,
genitum, non factum,
consubstantialem Patri,
per quem omnia facta sunt.*

*Qui propter nos homines
et propter nostram salutem
descendit de caelis.*

*Et incarnatus est de Spiritu Sancto
ex Maria virgine, et homo factus est.*

*Crucifixus etiam pro nobis,
sub Pontio Pilato passus et sepultus est.*

*Et resurrexit tertia die,
secundum scripturas.
Et ascendit in caelum,
sedet ad dexteram Patris,
et iterum venturus est cum gloria,
iudicare vivos et mortuos,
cujus regni non erit finis.*

*Credo in Spiritum Sanctum,
Dominum et vivificantem,
qui ex Patre Filioque procedit,
qui cum Patre et Filio
simul adoratur et conglorificatur,
qui locutus est per prophetas.*

Creio num só Deus,
Pai todo-poderoso,
criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio num só Senhor, Jesus Cristo,
Filho unigénito de Deus
e nascido do Pai
antes de todos os séculos.
Deus de Deus, luz de luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado, não criado,
consustancial ao Pai,
por quem todas as coisas foram feitas.

O qual por nós homens
e para nossa salvação
desceu dos céus.

E se encarnou, por obra do Espírito Santo,
da Virgem Maria e se fez homem.

Foi crucificado por nós,
e sob Pôncio Pilatos padeceu e foi sepultado.

Ressuscitou ao terceiro dia,
segundo as escrituras.
E subiu ao céu,
está sentado à direita do Pai,
e outra vez há-de vir com glória
para julgar os vivos e os mortos,
e o seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo,
Senhor e fonte de vida,
que procede do Pai e do Filho,
que com o Pai e o Filho
é igualmente adorado e glorificado,
e que falou por meio dos profetas.

*Credo in unam sanctam,
catholicam et apostolicam ecclesiam,
confiteor unum baptisma
in remissionem peccatorum.
Et expecto resurrectionem mortuorum
et vitam venturi saeculi.
Amen.*

4. Sanctus

*Sanctus, sanctus, sanctus,
Dominus Deus Sabaoth.*

*Pleni sunt coeli et terra
gloriae tuae.*

Osanna in excelsis.

*Benedictus qui venit in nomine Domini
Osanna in excelsis.*

5. Agnus Dei

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
dona nobis pacem.*

Creio na santa Igreja
católica e apostólica,
confesso um só baptisma
para a remissão dos pecados,
e espero a ressurreição dos mortos.
E a vida do mundo que está para vir.
Ámen.

Santo, santo, santo
É o Senhor Deus do Universo.

Os céus e a terra estão cheios
da tua glória.

Hossana nas alturas.

Bendito o que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
dá-nos a paz.

Tradução a partir da versão portuguesa dos textos litúrgicos.

Olari Elts *direcção musical*

Olari Elts conquistou grande respeito no panorama musical internacional graças a um estilo de programação singular e imaginativo. Os seus programas sinfónicos incluem com frequência repertório coral, trabalhando regularmente com a Orquestra Sinfónica e Coro Cidade de Birmingham e a Orquestra e Coro da Accademia Nazionale di Santa Cecilia em Roma, entre outras. Nesta temporada, o seu repertório coral inclui a *Missa Solemnis* de Beethoven, *Sonho de uma noite de Verão* de Mendelssohn e *Missa em Dó menor* de Mozart.

Em 2014/15, Elts estreia-se com a Orquestra Hallé de Manchester, Sinfónica de Viena no prestigiante Musikverein e Sinfónica Nacional Dinamarquesa em Copenhaga. Fez a estreia holandesa da obra orquestral *De Profundis* de Erkki-Sven Tüür e editou um disco de obras deste compositor (Ondine, 2014). Trabalha com a Orquestra de Câmara Escocesa (estreia britânica do ciclo *Garden of Devotion* de Rolf Martinson) e Tapiola Sinfonietta (*Ariadne auf Naxos* de Strauss). No domínio da ópera, dirige uma nova produção de *Eugene Onegin* para a Arctic Opera, com uma digressão pela Noruega. Dirigiu várias produções na Ópera da Estónia, incluindo *Albert Herring* de Britten, *Il Trittico* de Puccini, bem como *Don Giovanni* e *Idomeneo* de Mozart com a Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia.

Vencedor do Concurso Internacional de Maestros Sibelius 2000, em Helsínquia, Olari Elts foi Maestro Titular da Sinfónica Nacional da Letónia, Maestro Convidado Principal da Orquestra de Câmara da Escócia e Convidado Principal da Orquestra da Bretanha. É fundador do agrupamento de música contemporânea NYDD Ensemble.

Karen Wierzba *soprano*

A técnica vocal notável e a musicalidade de Karen Wierzba garantiram-lhe a aclamação da crítica internacional. Gravou recentemente o papel principal de Iris na ópera *Guru* de Laurent Petitgirard (Naxos), que lhe valeu o Prémio Cino de Duca. Cantou *Knoxville: Summer of 1915* de Barber e *The Night of Flying Horses* de Osvaldo Golijov com a Kymi Sinfonietta, e excertos de *Alice* de Unsuk Chin com a Sinfónica Nacional de Tallinn. Interpretou Kyojo na ópera *Sumidagawa* de Susumu Yoshida. A sua voz surge no filme *Nés en 68* com Laetitia Casta.

Estreou-se na Ópera de Berlim, com o maestro Barenboim, na *Carmen* de Bizet e *Parsifal* de Wagner. Aos 23 anos estreou-se nos EUA, com Seiji Ozawa, no papel de Tirésias em *Les mamelles de Tirésias* de Poulenc, no Tanglewood Music Centre. Entre diversas personagens, cantou o papel-título em *Rodelinda* de Händel, *Poppea* em *Agrippina*, *Zerbinetta* em *Ariadne auf Naxos*, Rainha da Noite em *A Flauta Mágica* e Gilda em *Rigoletto*, apresentando-se nas Óperas de Paris, Montpellier, Perpignan e Düsseldorf, Spanga Festival e com a Orquestra de Paris. Em oratória e concerto, interpretou obras de Berg e Webern, a *Missa* de Bernstein e *Um Requiem Alemão* de Brahms, *Carmina Burana* de Orff, *Paixão segundo São Mateus* e *Magnificat* de Bach, entre muitas outras.

Entre as suas gravações, inclui-se o DVD premiado de *Rigoletto* com a Ópera Spanga. Ganhou o 3º prémio no Concurso Internacional de Canto Mirjam Helin em Helsínquia, 2004. Recebeu o Prémio AROP da Ópera de Paris.

Annely Peebo *meio-soprano*

Annely Peebo tem colaborado com muitas casas de ópera tais como La Scala (Milão), Teatro Massimo (Palermo), Teatro San Carlo (Nápoles), Teatro Carlo Felice (Génova), Teatro Regio (Turim), Ópera Nacional da Finlândia e Teatro Estónia. Apresentou-se também em salas de concerto importantes de cidades como Leipzig (Gewandhaus), Berlim (Philharmonie), Bona (Beethovenhalle), Estugarda (Liederhalle), Viena (Konzerthaus e Musikverein), Munique e Tóquio.

Annely Peebo tem um repertório abrangente e interpretou a maior parte dos grandes papéis de meio-soprano. Como solista, cantou as *Missas de Requiem* de Verdi, Dvořák e Mozart, o *Stabat Mater* de Rossini, a *Missa Solemnis* e 9ª Sinfonia de Beethoven, *Wesendonck Lieder* de Wagner, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Rapsódia para contralto* de Brahms e *Les Nuits d'été* de Berlioz; de Mahler, para além das Sinfonias n.ºs 2, 3 e 8, interpretou também *Das Klagende Lied*, *Des Knaben Wunderhorn*, *Rückert-Lieder*, *Kindertotenlieder* e *Lieder eines fahrenden Gesellen*.

Em 2003, Annely Peebo cantou a 9ª Sinfonia de Beethoven no 25º aniversário do pontificado de João Paulo II, no Vaticano. Foi protagonista do premiado filme musical internacional *Les Leçons de Ténèbres*, uma co-produção France 3 e Arte. Em 2002, apresentou o Concurso Eurovisão da Canção realizado em Tallinn, na Estónia. Na mesma cidade, cantou com Andrea Bocelli num concerto ao ar livre em 2003 e, em 2013, com Jose Carreras no Tallinn Star Weekend.

Mati Turi *tenor*

O tenor estónio Mati Turi diplomou-se na Academia de Música e Teatro da Estónia em Direcção Coral (com Ants Üleoja) e Canto (com Jaakko Ryhänen).

Para além de uma extensa actividade em concerto, a ópera tem vindo a ganhar um relevo crescente na sua carreira. Em colaboração com a Ópera de Nargen e Tõnu Kaljuste, interpretou diversos papéis em óperas de Haydn (Gernando em *L'isola disabitata*, Ecclítico em *Il mondo della luna* e Rinaldo em *Armida*) e ainda Florestan em *Fidelio* de Beethoven. Cantou também Juhana em *Viimeiset kiusaukset* de Joonas Kokkosen (Ópera de Tampere); Cassio em *Otello* (Ópera de Tampere e Ópera Nacional da Estónia); Wallenberg 2 em *Wallenberg* de Erkki-Sven Tüür; Príncipe em *Rusalka* de Dvořák (Teatro Alexander de Helsínquia). Em concerto, cantou *Dido e Eneias* de Purcell (Marinheiro), *Les Palladins* de Rameau e *Nixon In China* de Adams (Mao).

Em 2010, Mati Turi estreou-se na Ópera Nacional Finlandesa como Paul em *Die tote Stadt* de Korngold, e foi pela primeira vez *Siegfried* na Nationale Reisopera (2011). Em 2012, no Festival de Ópera de Longborough e na Nationale Reisopera, retomou a personagem de Siegfried, desta vez n' *O Crepúsculo dos Deuses*. Em 2013, apresentou-se na Ópera Nacional da Estónia com *Tanhäuser*, na Ópera de Chemnitz com *Parsifal* e na Opera North com *Seigfried*. Em 2014 cantou o papel de Andrey Khovansky na Ópera Estatal de Estugarda. Em 2015 interpreta Ismaele em *Nabucco* (Ópera de Tampere) e Erik n' *O Navio Fantasma* (Opera North).

Michael Nagy *barítono*

O barítono alemão de ascendência húngara Michael Nagy começou por integrar o ensemble da Komische Oper de Berlim. Já na Ópera de Frankfurt, interpretou papéis importantes como Papageno (*A Flauta Mágica*), Guglielmo (*Così fan tutte*), Conde Almaviva (*As Bodas de Fígaro*), Hans Scholl (*Die weiße Rose*), Wolfram (*Tannhäuser*), Valentin (*Fausto*), Jeletzki (*Dama de Espadas*), Marcello (*La Bohème*), Albert (*Werther* de Massenet), Frank/Fritz (*Die tote Stadt* de Korngold), Owen Wingrave (*Owen Wingrave* de Britten), Jason (*Medea* de Charpentier) e Dr. Falke (*O Morcego* de J. Strauss). Como convidado, cantou na Ópera de Oslo, Ópera Alemã de Berlim e Ópera Estatal da Baviera em Munique. Actuou no Teatro de Viena com a Orquestra Barroca de Freiburg, sob a direcção de René Jacobs, e no Pfingstfestspiele Baden-Baden com a Filarmónica de Berlim e Sir Simon Rattle.

Michael Nagy é também requisitado em todo o mundo para se apresentar em concerto e oratória. Neste âmbito, tem cantado com várias orquestras como as da Konzerthaus de Berlim e da Gewandhaus de Leipzig, Museumorchester em Frankfurt, e ainda no Festival de Música de Schleswig-Holstein.

Michael Nagy iniciou-se musicalmente num coro de meninos, o Hymnus-Chorknaben em Estugarda. Estudou canto em Estugarda, Mannheim e Saarbrücken com Rudolf Pierney, interpretação de canções com Irwin Cage e direcção musical. Em 2014, com a pianista Juliane Ruf, ganhou o Concurso Internacional de Lied da Academia Hugo Wolf em Estugarda.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo

na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto. Actualmente engloba um número permanente de 94 instrumentistas e é parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

CORO CASA DA MÚSICA

Paul Hillier *maestro titular*

O Coro Casa da Música estreou-se em 2009 sob a direcção do seu maestro titular Paul Hillier, referência incontornável da música coral a nível internacional. É constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. O repertório do Coro estende-se a todos os períodos históricos desde a Renascença até aos nossos dias, incluindo a música *a cappella* ou com orquestra, neste caso ao lado dos agrupamentos da Casa da Música – Orquestra Barroca, Orquestra Sinfónica e Remix Ensemble.

Desde a sua fundação, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros James Wood, Simon Carrington, Laurence Cummings, Andrew Bisantz, Kaspars Putniņš, Andrew Parrott, Antonio Florio, Christoph König, Peter Rundel, Paul Hillier, Robin Gritton, Michail Jurowski, Martin André, Marco Mencoboni, Baldur Brönnimann e Olari Elts, a que se juntam em 2015 as estreias de Gregory Rose, Takuo Yuasa e Nicolas Fink.

Na temporada de 2015, o Coro Casa da Música volta-se especialmente para a grande

tradição coral germânica, interpretando o *Magnificat* de Bach, a *Missa Solene* de Beethoven, a *Oratória de Natal* de Schütz e ainda obras de Stockhausen e Lachenmann.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, na Catedral de San Martiño em Ourense e em várias salas portuguesas.

Iris Oja é a maestra co-repetidora do Coro Casa da Música.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Violino I

James Dahlgren*
José Pereira*
Vadim Feldblioum
Roumiana Badeva
Ilanina Khmelik
Vladimir Grinman
Evandra Gonçalves
José Despujols
Andras Burai
Tünde Hadadi
Maria Kagan
Alan Guimarães

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Paul Almond
Francisco Pereira de
Sousa
Vitor Teixeira
Lilit Davtyan
José Sentieiro
Nikola Vasiljev
Germano Santos

Viola

Pedro Muñoz*
Mateusz Stasto
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Theo Ellegiers
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Gisela Neves
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Domingos Ribeiro*

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Jean-Michel Garetti

Clarinete

Carlos Alves
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Eddy Tauber
Hugo Carneiro
Dário Ribeiro*
Hugo Sousa*

Trompete

Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Ruben Tomé*
Asensio Argiler*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Órgão

Rui Soares*

*instrumentistas convidados

CORO CASA DA MÚSICA

Sopranos

Ana Leite
Andreia Gonçalves
Ângela Alves
Cristina Pascual
Dalila Teixeira
Eva Braga Simões
Joana Leite Castro
Joana Pereira
Leonor Barbosa de
Melo
Margarida Hipólito
Mariana Sant'Ana
Paula Ferreira
Rita Venda
Sílvia Lobo
Teresa Milheiro

Contraltos

Ana Calheiros
Ana Isabel Almeida
Andreia Tiago
Bárbara Luís
Brígida Silva
Gabriela Braga Simões
Iris Oja
Joana Guimarães
Joana Valente
Nélia Gonçalves
Sara Cláudio
Sara Cruz e Silva
Svitlana Oksyuta
Sofia Pinto
Susana Milena

Tenores

Almeno Gonçalves
André Castro
André Lacerda
Gerson Coelho
João Paulo Costa
João Paulo Ventura
Jorge Bizarro Pinho
José Carlos Mateus
Miguel Leitão
Pedro Figueira
Pedro Matos
Pedro Rodrigues
Pedro Silva Marques
Tiago Azevedo
Vitor Sousa

Baixos

André Carvalho
André Pinto
Carmino Carvalho
João Barros Silva
Luís Rendas Pereira
Mário Pimentel
Nuno Mendes
Pedro Guedes
Marques
Pedro G. Ferreira
Pedro Lopes
Pedro Soares
Ricardo Rebelo da
Silva
Ricardo Torres
Simão Neto
Tiago Sá

Maestras

co-repetidoras

Iris Oja
Marion Sarmiento

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

ACA GROUP

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO ESPÍRITO SANTO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPQIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES

INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS

EIMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENIGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, LDA.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS

DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS

TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

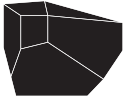
I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mas PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
OPALUSTROTECERAMICOPORTO

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

